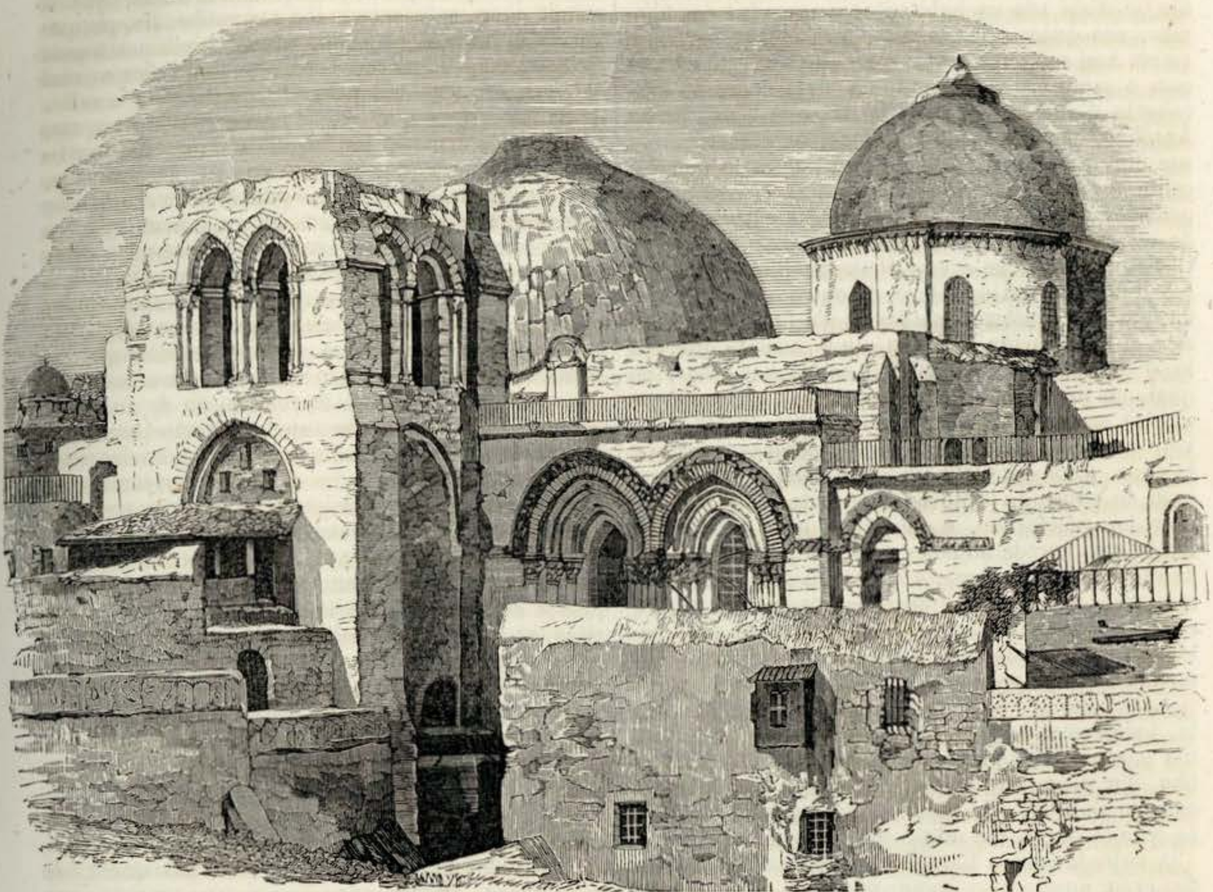


Santo Sepulchro

« Il gran sepolcro adora, e sciogle il voto. »

Tasso, *Gerusalemme Liberata.*

De quantas descripções conhecemos d'este santissimo logar, nenhuma é mais edificante e grata para leitores christãos e portuguezes, que a do nosso classico Pantaleão de Aveiro, que foi a Jerusalem no meiado do seculo XVII, e nos deixou d'esta sua viagem um bom itinerario

Antes de darmos outras noticias dos santos logares, tiradas dos modernos viajantes, ouçamos o que sobre a egreja onde está o Santo Sepulchro, desenhado na estampa, diz o nosso frade:

« A egreja onde está o Santo Sepulchro, com outros muitos sanctuarios que em si tem, é uma coisa tão grande, que tenho por impossivel podel-a meu entendimento declarar inteiramente, assim pela magestade e grandeza da obra, como por eu saber pouco de architectura; mas escrevel-o-hei o melhor que podér, e o menos mal que souber, usando de singeleza, e engrandecendo a obra muito menos do que é.

Foi este edificio, segundo claramente se mostra, duas vezes edificado, mas tratarei sómente do presente, começando do exterior. Diante d'esta sumptuosa egreja está um adro, ou pateo grande e formoso, todo por tres partes cercado de muro alto e edificios, que faz como uma praça toda lageada de marmore, que terá como cem pés em comprido, e alguns sessenta em largo. Á parte do meio dia ou sul tem a entrada, á qual baixam por uma escada de quinze ou mais degraus, e terá de comprido alguns oitenta pés. São as pedras d'este pateo lavradas com muita curiosidade, e em algumas d'ellas se divisa, pelos signaes que mostram as bases, haverem estado columnas; e n'uma d'estas pedras ou lagens estão impressas, como em cera molle, as pégadas ou plantas dos pés de um abexim do Preste João, que n'aquelle logar foi queimado dos moiros pela fé de Christo.

Defronte da entrada d'este pateo, algum tanto á parte oriental, estão inteiras as paredes de uma egreja muito grande, que foi dos cavalleiros de S. João, e se chamava o hospital dos templarios. Baixando pelos degraus do pateo, á mão esquerda, está uma egreja de gregos, que ao presente lhes serve de parochia, aonde elles, domingos e festas, vão ouvir missa: e pegado com esta egreja estão umas grandes casas, nas quaes, em tempo que aquella terra era de christãos, residia o verdadeiro patriarcha de Jerusalem, e se intitulavam o patriarchado, e ainda agora assim se chamam, e mora n'ellas o patriarcha dos gregos, digo, o falso patriarcha da nação grega, dividido e apartado da obediencia da santa madre egreja romana, o qual se intitula patriarcha jerosolymitano. Tem este patriarchado uma torre muito alta e formosa, e de grande magestade, pegada com o muro da Casa Santa, e ornada com muitas lindezas e curiosidades; a qual, no tempo dos christãos, servia de ter sinos, e agora, ainda que sem elles, está com toda a sua perfeição. Da outra parte do pateo, entrando n'elle á mão direita, estão duas egrejas en-

corporadas com a Casa Santa, arrimadas ao muro da parte de fóra: n'uma d'ellas officiam os jacobitas, e lhes serve de parochia; e n'outra os abexins do Preste João. Junto a estas egrejas está um muro mui alto, ao qual sobem por uma mui ingreme escada de pedra, e d'ahi vão ás habitações e moradas dos abexins, nas quaes elles, como em mosteiro, moram e vivem mui religiosamente; e no alto se vêem eguaes com o santo Calvario; e algum tanto mais, no descoberto d'este alto, está o logar onde o patriarcha Abrahão, por mandado de Deus, quiz sacrificar a seu mui querido filho Isac. Coisa por certo mui decente e justa, foi fazer-se sacrificio tão cheio de prompta obediencia no proprio logar em que havia de ser sacrificado e morto o innocentissimo cordeiro Christo nosso Deus e verdadeiro Senhor, ainda que tão differente um sacrificio do outro como a figura do figurado. Mostram os abexins n'esta terra do mais alto, o logar aonde Abrahão viu o carneiro que, em logar do filho Isac, offereceu ao Senhor Deus, no qual, ao presente, está uma pequena oliveira que mostra ser antiquissima, não havendo alli outra arvore ou herva alguma, por ser tudo argamassado e lageado. Uns doze até quinze passos d'este logar, indo ao ponente, junto áquelle onde nosso Redemptor foi crucificado, e tão junto que sómente se mette uma parede no meio, está a sepultura do grão sacerdote Melquisedech, a qual está toda ornada de mui rico mosaico, de mui finas pedras de muitas côres, e os abexins a tem toda armada de ricos panos de oiro e seda, que o Preste João muitas vezes manda sómente para este effeito.

Em tempo que os christãos possuiam a Terra Santa, todos estes edificios, tirando o patriarchado, era um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, que officiavam a egreja do Santo Sepulchro; a entrada da qual está na frontaria do pateo, ficando as egrejas que tenho dito á mão esquerda e direita.

A entrada para a Casa Santa, de que vou tratando, eram duas portas grandissimas, as quaes dividia um pilar mui grosso, ornado com cinco columnetas mui curiosas de jaspe verde. Ao presente, a porta da mão direita está tapada com pedra e cal, mas fica o pilar, columnas e mais obra com a mesma perfeição que antes tinha; e cada uma d'estas entradas tem de cada parte tres mui ricas columnas. A porta da mão esquerda, que é a que ao presente serve, e tambem está dividida em outras duas, é mui grande, mas toscamente lavrada, tem á parte esquerda uma grade de ferro pequena, feita em cruz, a qual serve de fallarem por ella os que estão dentro com os de fóra, e por ella lhe mettem a provisão e mantimento necessario, com tanto que não sejam coisas grandes, porque não caberão. Em cima do portal estão muitas imagens lavradas de fino marmore, a saber: a entrada de Nosso Redemptor na santa cidade dia de Ramos, com os apostolos ao redor de si, e muitas outras figuras de homens e moços, colhendo ramos das arvores, e lançando-os no caminho, da maneira que o conta o evangelista S. Mattheus. Está do mesmo marmore a Resurreição, e uma imagem mui devota de Nossa Senhora com o Menino nos braços, á qual imagem se encommendou a bemaventurada Santa Maria Egypciaca, quando, vindo de Alexandria, cidade principal do Egypto, á adoração e festa da Santa Cruz, como ainda agora vão de muitas partes de Grecia e Armenia, miraculosamente lhe foi negada a entrada da Casa Santa, como lemos no livro intitulado *Vitas Patrum*, que affirmam habaver escripto o glorioso doutor S. Jeronimo. A porta d'este sagrado templo sempre está fechada com duas chaves, e sellada no alto com um sêllo do grão turco, a qual sellam pondo uma escada de mão. As chaves e sello estão sempre a bom recado, na mão de tres turcos mui principaes, tendo um o sello, e os dois cada um a sua chave; os quaes, ao tempo que se ha de abrir a porta para entrarem os peregrinos, ou por qualquer outra necessidade, são chamados pelos d'aquella nação de christãos, que a manda abrir, satisfazendo-lhe seu estipendio, porque jámais se abre sem premio, e tem-lhe alli posta uma alcatifa, em que os turcos se assentam sobre o poial da porta, e a escada prestes para tirarem o sello. Se os peregrinos que hão de entrar são de franquia, primeiro que entrem lhe hão de escrever em um livro seus proprios nomes, e os de seus paes e mães, e os da sua patria; e depois pagam nove sequins de oiro, que são quasi onze cruzados dos nossos, salvo sendo religiosos de qualquer ordem, porque estes sómente pagam metade d'esta quantia. Os nossos frades de S. Francisco não pagam coisa alguma, ainda que sejam da terceira regra; nem menos as nossas beatas terceiras, se o padre guardião affirma serem da nossa obediencia. Se os peregrinos são gregos, armenios, jacobitas, maronitas, ou de qualquer outra nação de christãos sujeita ao grão turco, pagam sómente metade dos nove sequins de oiro; e o mesmo se guarda com os mercadores venezianos, francezes, italianos, que levam suas letras testimunhaveis, em como ha tempo que andam n'aquellas partes negociando sua vida. Os christãos que moram em Jerusalem, Belem, e outros logares propinquos á cidade, tem liberdade para poderem entrar todas as vezes que se abre a porta, sem pagarem coisa alguma. Quando não vem peregrinos, e occorre necessidade para se abrir, como se adoecem alguns dos que estão dentro, ou por ser dia assignalado, em que alguma das nações a manda abrir, como os armenios o primeiro sabbado da quaresma, e o nosso padre guardião em algumas festas principaes, para que os frades as celebrem dentro na Casa Santa, então se abre com mui pouco interesse; mas o nosso padre Bonifacio sempre lhe mandava um rotulo de cera lavrada, que são quatro arrateis, um pão de assucar, e as mais das vezes uma collação, que elles muito estimam.

A entrada, ordinariamente, é á tarde, em especial quando entram peregrinos, que hão de dormir dentro aquella noite, e quando elles entram, tambem podem entrar todos os que tenho dito, porque ha ordem para que o saibam todos os christãos da terra; nos dias geraes já sabem o costume; e os que não hão de ficar de noite, com brevidade visitam os santos logares e sáem, porque o porteiro sempre está batendo e bradando que se tornem a saír. Pelo preço dos nove sequins de oiro, ou quatro e meio, são obrigados os turcos a abrirem tres vezes aos peregrinos as portas da Casa Santa para entrarem, e outras tantas para saírem; e isto ao tempo que forem chamados, posto que os que assim entram se deixem ficar dentro alguns dias que lhes parecer, como fazem alguns devotos, mas aos taes não lhes abrirão senão quando tornarem a entrar os da sua companhia, e a mesma obrigação que os turcos tem de abrirem a muitos, tem de abrirem a poucos, e ainda a um só, com tanto que lhes pague o ordinario que tenho dito.

E porque a opinião de muitos christãos d'estas partes, é que o grão turco consente serem visitados estes Santos Logares pelo interesse que d'elles tem, como eu algumas vezes tenho ouvido dizer; saibam os que isto lerem que não ha tal coisa, porque o interesse, por muito que fosse, em nossos tempos nunca chegou a tres mil cruzados dos peregrinos latinos; e todos os tributos que se levam, assim de uns como de outros, se gastam em um hospital de pobres. Nem o grão turco poz estes trabalhos, antes os pozeram os christãos, no tempo que a Terra

Santa era sua; e o grão turco, quando tomou a terra ao soldão do Egypto, reprovou muito aquelle mau costume, mas deixou-o ficar, por lhe affirmarem que os christãos o haviam posto e ordenado, e não por outro respeito, antes cada anno manda dar aos nossos frades uma boa esmola para o azeite das lampadas, e os favorece com muitos privilegios que lhes tem dado.

Tem por costume aquelles turcos, a cuja conta está o abrir a porta do Santo Sepulchro, que assim se intitula aquelle sagrado templo, que serve quando se abre, ou para entrarem peregrinos, ou por qualquer outro respeito, não consentirem entrar pessoa alguma diante dos frades, ainda que se abra á conta das outras nações; antes o porteiro, com muita cortezia, tendo as portas uma sobre a outra, toma a cada um dos frades pela mão, e, um a um, os mette dentro, e depois de entrados todos, abre as portas, e deixa entrar os mais, e não sómente n'este logar, mas em todos os outros nos tem muito respeito.

Aberta a porta, e entrados dentro, vemos logo diante duas grossissimas columnas de marmore, que cada uma tem em grosso dezoito palmos, as quaes sustentam a primeira parte do edificio, e mais adiante cinco passos, defronte da porta, está o logar em que foi ungido o corpo de Jesus Christo, pelos illustres varões Nicodemos e José de Arimathéa.

A pedra sobre que foi feita esta sagrada unção, está, ao presente, coberta com um rico paramento de riquissimas pedras. Tem de comprimento nove palmos, e de largo tres e meio: para sua guarda tem uma grade de ferro de quasi dois palmos em alto, e de redor da grade, da parte de fóra, uma moldura de jaspe verde e vermelho, feita a modo de xadrez. Aqui ardem de continuo oito lampadas, duas á nossa conta, e as seis são das outras nações.

Defronte d'este logar e da porta por onde entrâmos, estão duas sepulturas sobre columnas de marmore, arrimadas ao muro exterior da capella-mór. São as dos dois reis christãos, que reinaram em Jerusalem. Uma de Gothifredo de Bulhão, [1] a outra de Baldovino, na qual se lê este epitaphio: *Rex Baldovinus, alter Judas Machabeus spes patriæ: vigor ecclesiæ: virtus utriusque, quem formidabant cuncti: cui dona, tributa ferebant Cædar et Egyptus, Dan, ac homicida Damascus, proh dolor, hoc modico clauditur tumulo. Hic Baldovinus obiit* 1118. *Dominica in ramis palmarum.* Como o latim d'este letreiro é tão claro, não é necessario mais explanação; sómente se ha de entender que chama á cidade de Damasco homicida, porque, segundo se tem n'aquellas partes, junto d'ella o desaventurado Caim matou ao innocente Abel seu irmão; e n'esse logar tem os turcos uma capella oitavada.

Na sepultura de Gothifredo de Bulhão estão esculpidas estas palavras: *Hic jacet inclitus dux Godefridus Bullion, qui totam istam terram acquisivit cultui christiano, cujus anima regnet cum Christo. Amen.* D'este Gothifredo ou Godefredo se lê, que por sua nobreza e valentia, eleito em rei de Jerusalem, não quiz ser coroado, dizendo não ser coisa licita pôr sobre sua cabeça coroa de oiro, no logar aonde nosso Redemptor fôra de espinhos coroado.

Deixando á parte este sagrado logar da unção, do qual fallei primeiro por se me offerecer diante de todos, tratarei do edificio interior, e depois das mais particularidades. O ambito e grandeza d'este sagrado templo são duzentos cincoenta e seis pés de comprido, e cento e sessenta de largo, não dos nossos pés communs, mas dos que os geometricos usam na sua arte, que são muito maiores.

[1] Esta sepultura do heroe do poema do Tasso já não existe. O incendio do templo, em 1803, a destruiu, assim como a de Balduino.

Dentro d'este compasso, isenta por si e separada de todo outro edificio, está a capella-mór, feita de uns arcos sobre outros, e columnas sobre columnas. E ainda que a capella, segundo sua grandeza, não é demasiadamente alta, foi em outro tempo sobremaneira formosa, por estarem todos os arcos abertos. Ao presente estão cerrados os concavos com pedra e cal, ainda que muito bem guarnecidos. Toda esta capella, do meio para cima, era de mui rico mosaico, tirando o vão dos arcos; e do meio para baixo de taboas inteiras de fino marmore; o pavimento é lavrado de pedras de diversas côres, de tal maneira postas que fazem uns lavores mui curiosos a modo de alcatifas. No alto tem um zimborio de muita curiosidade, sustentado com quatro grossissimos pilares. Serve esta capella-mór aos gregos, mas não tem cadeiras ou assento algum; e junto ao altar tem umas portas de uma e outra parte, e junto ás portas dois thronos ou assentos altos de pedra marmore de muita curiosidade, aos quaes sobem por tres degraus, e n'elles se assenta o patriarcha grego, vestido de pontifical nas grandes solemnidades. O mais edificio do templo é quasi redondo como um theatro ou colliseo, feito como claustra de religiosos, com suas varandas por cima, sustentadas sobre trinta e oito columnas e pilares; no baixo, entre duas columnas, um pilar, e no alto, entre dois pilares, uma columna. As columnas de baixo são altissimas, e todas inteiras de fino marmore, grossura em torno dezoito palmos; as bases em quadro oito palmos, de modo que tem cada base trinta e dois palmos. Os pilares do alto das varandas são os mesmos que vão continuando debaixo. Em cima d'estas varandas havia outras com as mesmas columnas e pilares, mas, ao presente, tem os vãos tapados, ficando a mais obra como antes estava, com seus pilares e columnas; e sobre esta segunda varanda começa a fechar o tecto da egreja, feito de umas traves mui grandes e grossas dos cedros do Libano, como convinha, a qual no alto não fecha de todo, mas fica uma abertura redonda e formosa para dar claridade ao templo, que, sendo tão grande, não tem por onde lhe entre outra. Todo este edificio interior de que trato é forrado de taboas muito largas de ricas pedras; as voltas dos arcos de jaspes verdes e vermelhos; e o vão da claustra tem junto do emmadeiramento, todo de mui rico mosaico de redor, e no meio circulo da banda do norte, da mesma obra mosaica, os doze apostolos, e entre elles a rainha Santa Helena; e no outro meio circulo doze prophetas, e entre elles o imperador Constantino Magno.

Não estão ao presente todas estas curiosidades em sua perfeição, antes as vemos irem-se damnificando, assim pela antiguidade do edificio, como por causa da humidade, vento e chuva que entra pela abertura de cima, e sobre tudo entram muitas vezes pelo mesmo logar, pombas que dormem na egreja, e por não serem notadas de ociosas de continuo andam picando n'aquelle mosaico, e o damnificam muito; mas a obra, até ao dia presente, mostra claramente tudo o que d'ella escrevo. Debaixo da varanda que vae por cima da primeira claustra, ao longo do muro interior, vão as estancias em que moram os religiosos que estão na Casa Santa de continuo, assim para, a seu modo, celebrarem o officio divino, como para terem cuidado das suas lampadas.»

PROCESSO DE CHRISTO

Com este titulo publicou ha tempos, em Paris, o advogado israelita francez mr. Salvador, um escandaloso livro, no qual tentou demonstrar que Jesus

Nazareno fôra condemnado á morte nos termos da legislação vigente na Judéa, dominada pelos romanos, ao tempo que se perpetrou este execravel deicidio.

Refutou-o logo peremptoriamente o famoso jurisconsulto Ch. Dupin, com os textos expressos das leis moisaicas e do direito romano, applicaveis ao crime que os judeus imputaram a Jesus Christo; e entre as nullidades do processo que este celebre jurisperito apresenta, põe como insanavel a de ter corrido quasi todo o julgamento de noite e tumultuosamente.

Mal suppunha o sabio magistrado francez, que dois seculos antes havia um eloquente padre portuguez feito a mesma ponderação!

Foi o nosso Vieira, que n'um famoso sermão prégado na capella real em 1662, se exprime em termos dignos não só de se recommendarem á memoria, como um dos mais vigorosos e eloquentes trechos da oratoria nacional, mas de se proporem nas aulas de leitura, e ainda mais nas de rhetorica, para modelo e estudo da lingua materna.

Depois de citar o texto do evangelho de S. João, o qual diz — que os pontifices e phariseus fizeram conselho para prender a Christo á traição, e crucifical-o n'aquelle mesmo dia — exclama o padre Vieira:

Não acabo de entender como isto podia ser, logo no mesmo dia e hora em que se fez o conselho. Quando se lançaram os votos? Quando se escreveu a consulta? Quando se assignou? Quando subiu? Quando se resolveu? Quando baixou? Quando se fizeram os despachos? Quando se registaram? Quando tornaram a subir? Quando se firmaram? Quando tornaram a baixar? Quando se passaram as ordens? Quando se distribuiram?

Tudo isto não se podia fazer em uma hora, nem n'um dia, nem ainda em muitos. Se fôra no nosso tempo, e na nossa terra, assim havia de ser, mas tudo se fez e tudo se pôde fazer. Porque? Porque não houve tinta nem papel n'este conselho.

Introduzir papel e tinta (ao menos tanto papel e tanta tinta) nos conselhos e tribunaes, foi traça de fazer o tempo curto e os requerimentos largos, e de se acabar primeiro a paciencia e a vida que os negocios. [1]

O maior exemplo que ha d'esta experiencia em todas as historias, é o da execução d'este mesmo conselho em que estamos. A execução d'este conselho foi a morte de Christo. E é coisa que parece exceder toda a fé (se o não disseram os evangelhos), considerar o muito que se fez, e o pouco tempo que se gastou n'esta execução.

Foi Christo preso ás doze da noite, e crucificado ás doze do dia. E que se fez ou que se não fez n'estas doze horas? Foi o Senhor levado a quatro tribunaes mui distantes, e a um d'elles duas vezes; ajuntaram-se e fizeram-se dois conselhos; apresentaram-se em duas partes as accusações; tiraram-se tres inquirições de testimunhas; expediu-se a causa incidente, a do perdão de Barrabaz; deram-se dois libellos contra Christo; fizeram-se arrazoados por parte dos auctores; allegaram-se leis; deram-se vistas; houve réplicas e tréplicas; representaram-se duas comedias, uma de Christo propheta com os olhos tapados, outra de Christo rei com sceptro e coroa; foi tres vezes despido e tres vestido; cinco vezes perguntado e examinado; duas vezes sentenciado, duas mostrado ao povo; ferido e affrontado, tantas vezes com as mãos, tantas com a cana; cinco mil e tantas com os açoites; preveniram-se lanças, espadas, fachos, lanternas, cordas, columna, azorragues, varas, cadeias, uma roupa branca, outra de purpura, canas, espinhos, cruz, cravos, fel, vinagre, mirra, esponja, titulo com letras hebraicas, gregas, latinas, não escriptas, senão entalhadas, como se mostra hoje em Roma; ladrões que acompanhassem ao Senhor; cruzes para os mesmos ladrões; Cyreneo que o ajudasse a levar a sua; prégou Christo tres vezes, uma a Caiphaz, outra a Pilatos, outra ás filhas de Jerusalem. Finalmente, caindo e levantando-se, foi levado ao Calvario, e crucificado n'elle.

E que tudo isto se obrasse em doze horas! E que ainda d'essas doze horas sobejassem tres para descanço dos ministros, que foram as ultimas da madrugada! Grave caso!

Como foi possivel que todas estas coisas, tantas, tão diversas, e de tantas dependencias se obrassem, e se podessem obrar na brevidade de tão poucas horas, e mais sendo metade d'ellas de noite? Tudo foi possivel, e tudo se fez, porque em todos estes tribunaes, em todas estas resoluções e execuções, não entrou papel nem tinta. Se tudo isto se houvera de fazer com as tardanças, com as dilações, com os vagares, com as ceremonias que envolve qualquer papel, ainda hoje o genero humano não estava remido! Só quatro palavras se escreveram na morte de Christo, que foram as do titulo da cruz. E logo houve sobre ellas embargos, e requerimentos, e altercações, e teimas, e descontentamentos. E se Pilatos não dissera resolutamente que se não havia de escrever mais: *Quod scripsi, scripsi:* o caso era de appellação para Cesar, que estava em Roma, d'alli a quinhentas legoas, e demanda havia na meia regra para muitos annos.

Até Christo teve sua conveniencia em não haver papel e tinta na sua execução, porque ao menos não pagou as custas.

[1] Parece que está pintando as nossas repartições publicas.

JERUSALEM

Saindo Christo do templo de Jerusalem, e encaminhando os passos para Bethania, como tinha por costume, se chegaram os seus discipulos para lhe mostrar a grandeza d'aquelle edificio. — Mestre, diziam, reparai que pedras tão grandes, e que formosa architectura!

— Vêdes tudo isto? respondeu Christo. Pois na verdade vos digo, que virá tempo em que não fique aqui pedra sobre pedra que se não destrua.

Evangelho de S. Mattheus. cap. 24. v. 1.

Quem foram os fundadores de Jerusalem? Esta questão tantas vezes agitada não foi ainda cabalmente resolvida. Tacito designa Moisés, Strabão os Solimas; são duas opiniões inadmissiveis. O historiador Flavio Josepho e as principaes auctoridades da egreja dizem que Melquisedech, querendo oppor um dique aos jebuseus, edificou sobre o monte Moria uma cidade que denominou Salem, e que, quando os judeus tomaram a fortaleza de Jebus, se reuniram os dois nomes *Jebus* e *Salem*, d'onde se deriva o nome de Jerusalem. Dois argumentos, porém, se oppõem a esta versão; primeiro o Genesis diz claramente, e muitas vezes, que Salem era uma cidade que fazia parte do territorio de Sichen, pouco distante de Soccoth, que são muito mais ao norte; em segundo logar, é contrario a todos os principios etymologicos mudar a labial b, em r, que é uma articulação d'outra natureza. Creio antes que os jebuseus, pastores, sentindo a necessidade de darem abrigo aos seus rebanhos, construiram no monte Sião uma cidadella, em volta da qual acamparam, e deram á fortaleza e á cidade o nome de Jebus, que significa «tapada de carneiros.» David, depois de se apossar d'esta fortaleza, querendo completar a sua conquista apagando até o nome nacional da cidade, lhe chamou Yaruschalaim «possessão de paz», em memoria da fundação definitiva do reino hebreu.

Seja qual for a sua origem, Jerusalem só tomou

uma certa importancia quando David expulsando os jebuseus do monte Sião fez alli a sua residencia. Salomão, filho e successor de David, construiu monumentos de rara grandeza e munificencia; mas quando elle falleceu, por causa da divisão da tribu do povo de Deus, ficou sendo Jerusalem a capital do unico reino de Judá.

Por quatro seculos ainda se engrandeceu consideravelmente, porém o culto dos falsos deuses que substituiu a lei de Moisés, verdadeiro padrão da nacionalidade hebraica, promoveu a sua quéda. Em vão, no tempo de Ezechias, resistiu Jerusalem ás armas de Sennacherib, para ser pouco depois destruida por Nabuchodonosor. Tomando-a tres vezes, captivou este uma parte dos habitantes. Setenta annos depois, permittindo Cyro o seu restabelecimento e o governo theocratico, extinguiu-se o governo monarchico; mas tendo o poder ameaçador dos persas chamado Alexandre Magno ao Oriente, atravessou este a Syria e a Palestina que se lhe submetteu. Por morte de Alexandre, Jerusalem passou successivamente do poder dos lagidas ao dos seleucidas, a quem por ultimo pertenceu, até que as tyrannias d'estes dominadores provocaram a admiravel dedicação da familia dos Macabeus, personificação do espirito nacional. Esta linhagem de heroes conseguiu libertar a sua terra, e governal-a gloriosamente. Uma dissidencia entre Hyrcano II e Aristobulo II sobre a successão ao throno, levou aos muros de Jerusalem as legiões romanas commandadas por Pompeo. Por vis astucias conseguiu Herodes, n'esse tempo, que os vencedores lhe conferissem o titulo de rei.



Cidade de Jerusalem

Foi n'este reinado que se passaram os successos que tornaram para sempre immortal o nome de Jerusalem, a vida, paixão e morte de Christo; o nascimento de uma nova religião que havia de transformar o mundo romano, moralisando-o.

Jerusalem foi depois, e por algum tempo, uma das quatro tetrarchias que substituiram, por morte de Herodes, a unidade do governo; mas as continuas revoluções intestinas causaram a tomada e destruição d'esta cidade pelo imperador Tito, a cabo de um cerco de sete mezes. Este desterrou os judeus de Jerusalem, chrismando-a em Elia Capitolina, nome conservado até ao reinado de Constantino, no qual Jerusalem recobrou a sua antiga denominação.

São bem conhecidas as alternativas por que passou a cidade santa até cair no poder dos turcos, que para vergonha dos christãos ainda a possuem.

Actualmente é Jerusalem capital do Liva, e residencia do bachá da Palestina. A sua população, segundo os recenseamentos antigos, foi enorme; mas hoje terá uns dezoito a vinte mil habitantes, repartidos pela maneira seguinte:

8:000 judeus, 5:000 musulmanos, 300 gregos, 1:500 latinos, 1:000 armenios scismaticos, e 100 a 200 syriacos e cophtas. Os maronitas e gregos catholicos dão apenas uma dezena de familias.

Cada uma d'estas seitas tem sua religião especial; os judeus obedecem a um kakhambachi, e todas as sextas feiras vão chorar sobre os antigos muros do templo de Salomão, esperando sempre a vinda do Messias. Os musulmanos vangloriam-se de ter alli a celebre mesquita de Omar, da qual são tão ciosos que difficilmente deixam lá entrar um giaur.

Os gregos tem para o espiritual de Jerusalem um patriarcha que reside em Constantinopla, e são administrados pelo arcebispo de Petra, e por um vigario do patriarcha. Para se compensarem da perda do imperio bysantino, tem elles comprado quasi todos os campos da Terra Santa; e se continuarem, podem um dia reivindical-a como proprietarios territoriaes. [1]

Vejamos agora a descripção que de Jerusalem nos faz o já citado fr. Pantaleão de Aveiro.

[1] Estas noticias são tiradas de uma relação anonyma da *Terra Santa*, escripta em 1859, na lingua italiana.

Está edificada esta bemdita cidade no sagrado monte Sion, e de nenhuma parte se póde ir a ella senão subindo. E não sómente no monte Sion, mas tambem muita parte d'ella está no monte Moria, no qual foi edificado o templo de Salomão, como lemos no Paralipomeno II, o qual templo hoje se vê estar dentro na cidade, como sempre esteve. Está a cidade quasi toda no lado oriental d'estes dois montes, Sion e Moria, e vãe costeando do sul para o norte, ladeira abaixo, aonde faz um valle no meio; e d'alli torna a subir correndo ao norte, e do norte dá volta para o poente sobre o monte Gion, e torna a acabar no sul, fazendo um ovado curioso, ainda que mais comprido, e assim participando d'estes tres montes, que são, Sion, Moria e Gion, se vê cumprido á letra o que diz o real propheta David, que seus alicerces e fundamentos estão sobre os montes santos. Porém a principal parte está sobre o monte Sion, cujas portas Deus mais ama que todas as moradas de Jacob, pelos grandes mysterios que n'ella o Redemptor do mundo, Jesus Christo, havia de obrar, e tem já obrado no santo Cenaculo a noite antes da sacratissima Paixão, e de sua gloriosa Resurreição, e no dia excellentissimo e festival em que teve por bem mandar seu Santo Espirito sobre os seus amados discipulos. Dizemos tambem estar edificada sobre o monte Sion, porque no tempo do propheta David, a mais principal e nobre parte da cidade era no alto d'este sagrado monte, aonde estavam os paços reaes, e communmente se chama a cidade de David, por n'ella morar quasi toda a fidalguia e nobreza, e assim lhe chama a Sagrada Escriptura. E ficavam todos estes aposentos del-rei, e dos seus, separados por si, da maneira que em Roma a parte principal da cidade, aonde quasi sempre está o summo pontifice, a que agora chamam Vaticano, e em outro tempo lhe chamavam a cidade Leonina. D'esta cidade de David, não ha ao presente memoria alguma, salvo alicerces de edificios arruinados, e o santo Cenaculo que por milagre quer Deus sustentar para consolação dos fieis, ainda que os moiros o tem em seu poder, e todo o mais se lavra quando querem, por se cumprir a prophecia de Michéas, repetida pelo sanctificado Jeremias: «Por amor d'isto, que é por vossa causa, e por vossos peccados, e pelo que atraz fica dito de vossas maldades, Sion que agora vêdes tão prospera e ornada com paços reaes, e sumptuosos edificios, virá tempo em que á maneira de campo será lavrada». O que ao presente vemos muito bem cumprido. E quanto do que diz da santa cidade, que seria tornada em um monte de pedras, mui inteiramente se verificou, quando foi destruida pelos romanos, estando-o depois muitos annos, até ao tempo do imperador Elio Adriano, que acabando de destruir o que Tito deixou intacto, a tornou a reedifiaar de novo. Os muros que agora tem são mui inteiros e bem acabados; dizem que os mandou fazer o grão turco Solimão, depois que tomou a terra ao soldão do Egypto, havendo muitos annos que a possuia. São os muros mui fortes, e estão tão novos que parece haver mui pouco tempo que os fizeram; anda-se por duas partes, pela superior aonde estão as ameias, e outro logar mais inferior, o que nunca vi em alguns outros muros de alguma cidade. Tem ao presente em circuito grandes tres milhas, que são, conforme ao medir antigo, vinte e quatro estadios, os quaes dão a cada milha dois mil passos, e não como alguns cuidam, dando a uma milha sómente mil passos. Os seus moradores ao presente podem ser cinco mil, e fica mais da terça parte da cidade despovoada; porque, além de muitos edificios arruinados, e grandes casas caídas, vi eu dentro grandes ferregeaes semeados. Moram n'ella turcos, moiros, judeus e christãos de muitas nações. Os turcos são os menos, porém são senhores absolutos do que querem, sem haver quem lhes possa ir á mão. Os judeus não chegam ordinariamente a seiscentos, porque como não tem fazendas na terra, nem ella é de tratos, sem os quaes elles não podem viver, não se podem n'ella sustentar, e assim os que na santa cidade moram, comem o que em outras partes ajuntaram, e se lhes falta, tornam-se a recuperar aonde podem, para tornarem a morar aonde desejam acabar, faltando-lhes suas esperanças. Os christãos podem ser até dois mil, como em seu logar direi; os mais são moiros dos que possuiam a terra quando era do soldão, e no tempo que lh'a tomou o turco se ficaram n'ella como antes. Os turcos e moiros tem entre si mortal odio, e vivem uns com os outros por arte e manha. Os judeus são de todos maltratados, e peior vistos. Os christãos pela misericordia do Senhor Deus são de todos bem vistos, e bem tratados, e vivem na terra mais afazendados que os moiros.

ESTADO PRESENTE DE JERUSALEM

Para que os leitores tenham noticia do estado actual em que se acha a cidade santa, faremos aqui um breve resumo da viagem de Bida, que tem por titulo: *Quinze jours à Jérusalem*, e foi publicada na excellente obra illustrada, *Le tour du Monde*, Paris. 1861.

Conta o auctor, dia por dia, o que observou na cidade santa.

Ás nove horas da manhã de 8 de julho de 1856 cheguei aos muros de Jerusalem. Nem viva alma descobri; nenhum rumor dentro ou fóra. Parecia uma cidade sepulchral. Entrei pela porta de Damasco; as ruas são desaceiadas, quasi solitarias, e mui sombrias por causa das numerosas abobadas que as toldam. Ruinas e entulho se vêem por toda a parte. Os habitantes, poucos e tristonhos, tem quasi todos cara de fome: muitos vagueiam pelas ruas como gente ociosa; em fim Jerusalem não tem sequer sombras do bulicio e actividade das outras cidades do Oriente.

A minha primeira visita foi ao Santo Sepulchro. Depois de alli ouvir a missa de um missionario francez, fui com elle ver os differentes sanctuarios de Jerusalem; os logares santos, cheios de tão augustas recordações, inspiram um respeito inexplicavel. Todas as religiões, todas as communhões alli vão como ao centro da crença universal.

O turco que está de guarda ás portas do Santo Sepulchro, fumando no seu cachimbo, não me pareceu menos respeitoso que os hereticos, scismaticos e orthodoxos que ahi celebram os seus ritos. A pedra sob a qual foi enterrado o corpo de Jesus me parece o fundamento, por assim dizer, material, da egreja christã; isto é, o fundamento de quanto ha mais sublime na consciencia humana. O respeito do universo por estas reliquias é o facto mais notavel do mundo moderno. A verdade parte incontestavelmente d'aqui.

Fui depois visitar os tumulos dos reis e juizes, onde notei a singularidade com que os hebreus cavam os rochedos, porque todos os tumulos são umas cavernas com muitos compartimentos, e os entalhos tão circulares que parecem feitos com uma roda. Não cortam a pedra, trituram-n'a. Subi depois ao Scopo, d'onde se descobre o Jordão, o mar Morto e as montanhas de Moab. Voltei pelo valle de Josaphat, campo estreito, onde os judeus de todos os paizes se mandam sepultar.

No dia seguinte fui ver o palacio de Poncio Pilatos, hoje transformado em quartel de um regimento, cujo commandante me recebeu com muita urbanidade. A janella do seu quarto sobreleva o adro do

templo aonde está edificada a celebre mesquita de Omar; d'ahi vi os judeus orando ao longo do grande muro que sustenta o taboleiro do adro. Era n'uma sexta feira, e áquella hora, duas da tarde, começava para elles o sabbado. Enterneceu-me o espectaculo de tantos infelizes chorando sobre as ruinas do templo de Salomão, beijando a cada versiculo aquellas unicas pedras de tão grande monumento.

Passei a visitar o hospital fundado por mr. de Rotschild. Cada leito tem escripto o nome de uma pessoa d'esta numerosa familia. No mesmo edificio ha uma eschola para educação da infancia hebraica. Ha tambem alli uma synagoga. O bairro dos judeus é, como o resto da cidade, escuro e sordido. Todavia as mulheres que appareciam ás janellas estavam muito enfeitadas: era a manhã do sabbado.

Saí de Jerusalem, e encaminhei-me para o tumulo de David, onde se edificou uma bella mesquita. Mas não vi o tumulo, porque está mettido n'um subterraneo onde não é permittido entrar nenhum profano. Fizeram no pavimento superior um simulacro d'aquelle mausoléo, e é o que unicamente olhos humanos podem ver, porque entre aquellas gentes perdura uma tradição terrivel, de que será fulminado de morte repentina o que ousar pôr os olhos no tumulo do propheta-rei. Ao lado d'este monumento vê-se o paço de Caifaz, o summo sacerdote que relaxou Christo ao braço secular de Poncio Pilatos.

Mais adiante fica um convento armenio onde está o logar em que S. Pedro renegou o Mestre, e na capella a pedra que outr'ora cobriu o tumulo de Christo. Desci ao longo dos muros, que são formidaveis, e notei que principalmente a léste podem bem ser do tempo de Salomão. Entrei pela porta de Santo Estevão, e fui ver a egreja de Santa Anna construida por Balduino I. Aqui nasceu a Virgem Maria. Este templo que o sultão Saladino tinha convertido n'uma eschola, foi restituido ao culto latino, não ha muitos annos, pelas sollicitações do consul de França. A piscina probatica fica ao pé d'esta egreja.

No dia immediato fui ao jardim das Oliveiras que está agora murado. Não duvido que as oito ou dez arvores que formam este jardim tenham assistido á agonia do Salvador: tão velhas me pareceram! Proximo está o sitio onde Judas entregou seu Mestre; a rocha onde dormiram os discipulos em quanto Jesus orava no Horto; a gruta da agonia, e a pedra onde o Senhor suou sangue. Cada passo que se dá n'estes sitios é sobre a memoria d'alguma dor da Paixão de Christo. Junto do hotel onde resido, na rua da Amargura, está o arco de «Ecce homo», o logar onde Nosso Senhor caiu a primeira vez sob o peso da cruz; a casa da santa Veronica, e pouco mais adiante a columna onde foi affixada a sentença da morte do Homem-Deus. A tradição de todos estes dolorosos successos está ainda tão viva, segue-se com tão pouca incerteza o rasto das pisadas de Christo n'este seu derradeiro transito; é tão patente aos olhos tudo quanto o evangelho nos refere, que o viajante não se admirára se encontrasse o Salvador ao voltar da rua. Vive-se ahi com Elle, por assim dizer, e esta intimidade, posto que robore a fé e exclua a duvida, attenua, me parece, a solemnidade ou o ideal d'esta grande figura. Desci tambem aos tumulos da Virgem, de Santa Anna, de S. Joaquim e de S. José. Esta egreja, que é apenas uma crypta, pertence aos gregos.

Por ultimo visitei o jazido dos prophetas, todos cavados na rocha. Alli se me afigurou a resurreição de Lazaro, cuja impressão não póde comparar-se ás pinturas que tenho visto d'este milagre, inclusivè a de Rembrand, que tão famosa é.

VISITAÇÃO DAS EGREJAS

A devoção publica de visitar as egrejas em quinta feira de endoenças remonta ao tempo em que depois da conquista de Jerusalem, pelos cruzados, se estabeleceu alli uma procissão de penitencia para correr as sete estações, ou logares, onde Christo passou os trances capitaes da sua Paixão.

Em Portugal é antiquissima esta devoção; e muitos dos nossos reis iam tambem, n'este dia, a pé com toda a corte visitar as egrejas.

Muitas confrarias saíam d'antes, em quinta feira santa, processionalmente, com muito povo adjunto, a correr as egrejas. De todos estes actos porém o mais singular era da irmandade da Misericordia, de que nos dá noticia o padre J. B. de Castro, no seu *Mappa de Portugal*, que diz havel-a tirado de uma relação manuscripta do tempo del-rei D. Manuel.

Depois de referir todos os actos publicos a que por seu instituto eram obrigados a assistir os irmãos da Misericordia, diz o citado auctor:

« Partem da egreja os irmãos em anoitecendo, e vão pela rua nova ter a S. Francisco, e d'alli passam á Trindade, e descem ao Carmo, e d'alli vão a S. Domingos, e tornam pelo Rocio, e pela praça da Palha, rua das Arcas, Correria até á Sé, e da Sé tornam á Misericordia, gastando n'isto até á meia noite, e ás vezes até á uma hora. Os irmãos serão sempre duzentos e cincoenta, até trezentos, e todos vão vestidos com suas vestimentas pretas, e postos em ordem de procissão com suas velas nas mãos.

Diante d'elles vão oitocentos, novecentos, até mil homens e mulheres disciplinando-se, os quaes todos vão vestidos de vestimentas pretas, e assim homens como mulheres se ferem com as disciplinas que tiram muito sangue; e esta procissão vae repartida em tres ou quatro estancias, e entre uma e outra um retabulo ou Christo posto na cruz, e no meio vão dez ou doze irmãos com suas varas regendo-os, e mettendo-os em ordem.

Entre estes disciplinantes vão muitos homens com barras de ferro, e cruzes de pau grandes, e pedras ás costas; e para claridade da gente levam cincoenta pharões de fogo, em que se gastam dois mil novelos de fiado de tomentos, engraxados em borras de azeite e cebo para darem bom lume, os quaes pharóes vão postos em hastes muito compridas e altas; e levam trinta lanternas muito grandes mettidas tambem em hastes com velas dentro accesas; e os irmãos que regem, trazem nas mãos quantidade de velas, para tanto que faltar proverem de outras: levam mais trinta homens com bacias nas mãos cheias de vinho cozido, e os disciplinantes molham e lavam n'elle as disciplinas, porque lhes apertam as carnes.

Da mesma maneira vão dez ou doze homens com caixas de marmelada feita em fatias, as quaes mandam muitas pessoas fidalgas e devotas que dão aos penitentes; e levam outras de confeitado e de cidrão para aos que enfraquecerem soccorrerem-nos com um bocado; e vão outros tantos homens com quartas de agua e pucaros nas mãos, dando agua aos que tem d'ella necessidade. E tanto que chegam á casa da Misericordia estão physicos que espremem as chagas dos penitentes, e lh'as lavam com vinho para isso confeccionado, e os apertam, e vestem, e se vão curados para suas casas.»

Quando o demonio tentou a Judas que fosse ladrão, não lhe disse logo que havia de vender Christo; mas porque começou cerceando as esmolas dos discipulos, acabou vendendo o Mestre.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

SYCOMORO

Esta arvore é mais conhecida pelo nome de *figueira doida*, traducção, em vulgar, dos dois vocabulos gregos que os botanicos reuniram, n'uma só palavra, para denominarem o sycomoro.

É uma grande arvore, forte, rija, e mui ramosa. Parece-se muito com a oliveira nas folhas, ainda que são mais asperas e menos verdes. Dá um fructo mui similhante ao da figueira commum, mas não tem granitos, nem é tão gostoso, como o figo ordinario, postoque seja mais doce.

Na Africa oriental, e na Palestina, ha sycomoros tão copados que á sua sombra se póde abrigar um regimento.

No evangelho de S. Lucas se conta, que entrando Jesus Christo em Jericó, um homem rico, e principal dos publicanos, querendo ver o Messias, como o povo era muito e elle Zacheo (que assim se chamava) de pequena estatura, subira a um sycomoro que estava no caminho por onde o Senhor havia de passar; acção que pareceu agradavel ao mesmo Senhor Jesus, porque o chamou pelo seu nome, e se foi n'aquella noite hospedar em casa d'elle; de que resultou arrepender-se este publicano, deixando a vida de usurario, dando metade dos seus bens aos pobres, e restituindo, com a outra metade, quatro vezes o dobro do que tinha adquirido com usura e fraude.

Alguns expositores da biblia dizem que a arvore em que Judas se enforcou era uma figueira doida (sycomoro); e o veneravel Beda, que viveu no seculo VII, diz que no seu tempo ainda existia. Sendo certo que as figueiras doidas são communs na Palestina, desde tempos remotissimos, não ha repugnancia em crer que esta arvore servisse de forca ao apostolo que vendeu seu Mestre, o Salvador da humanidade.

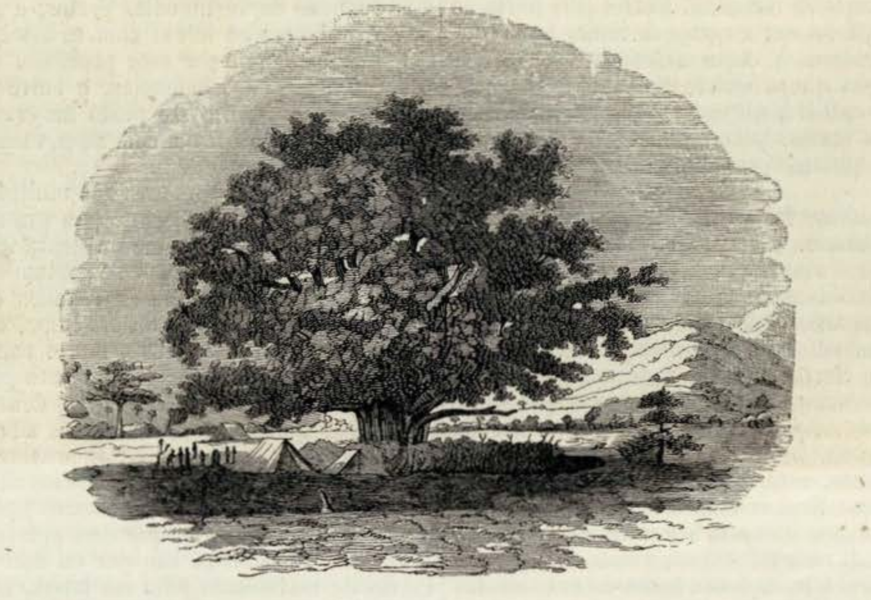
O que porém consta do evangelho de S. Mattheus, é que Judas, arrependido da traição que fizera, fôra entregar aos do synedrio os trinta dinheiros que tinha recebido, e que não querendo os sacerdotes acceital-os, atirára elle com esse dinheiro ao chão do templo, e abalára já com o laço ao pescoço, a pendurar-se na arvore onde acabou a vida.

Resolveu a synagoga que tal dinheiro se não podia metter no erario da egreja, por ser preço de sangue, pelo que determinou comprar com elle um campo para cemiterio dos peregrinos.

A este campo, d'antes chamado do Oleiro, talvez porque d'alli se extrahisse barro para loiça, se ficou chamando o campo de Haceldama, que em syriaco quer dizer «campo de sangue», e era onde se enterravam os peregrinos que iam a Jerusalem e lá morriam.

Santa Helena depois do baptismo do imperador Constantino Magno, seu filho, indo visitar a Terra Santa, mandou cercar este campo de muro com sete janellas.

N'uma viagem moderna á Palestina, anonyma, vimos varias estampas photographicas dos arredores de Jerusalem, e entre ellas a do «campo de sangue», povoado ainda de sycomoros ou figueiras doidas.



Sycomoro

DE HERODES PARA PILATOS

Este proloquio popular refere-se á questão que houve sobre qual era a auctoridade competente para sentenciar a Christo, isto é, se havia de ser a romana ou a judaica.

Ao tempo que os judeus prenderam a Jesus era governador de Jerusalem, n'aquella epocha provincia do imperio romano, Poncio Pilatos, pagão e tambem romano. Ao pretorio d'este magistrado levaram os phariseus o divino Mestre, accusando-o de se intitular rei dos judeus. Pilatos, vendo quão futeis e calumniosos eram os artigos da accusação, não tendo força para absolver o accusado, tomou o pretexto de ouvir dizer que elle era gallileu, para o remetter a Herodes que era dos judeus rei titular.

Christo, porém, não respondeu a nenhuma das perguntas que lhe faz Herodes, e este, não se atrevendo tambem a absolvel-o, declarou-o por demente, e recambiou-o a Pilatos. Foi este quem a final o sentenciou á morte, atemorisado pelos clamores da judaria desenfreada e sanguisedenta.

Apesar da sua covardia, Poncio Pilatos deu um publico testimunho da innocencia de Christo, mandando vir agua para lavar as mãos diante do povo amotinado, dizendo: — Eu estou innocente do sangue d'este justo; vêde vós lá o que fazeis.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.